Padre Antônio Tomaz

(Capítulo inédito da História da Literatura)

Dolor Barreira

O HOMEM

1 — O Padre Antônio Tomaz nasceu na cidade de Acaraú (1), Estado do Ceará, aos 14 de setembro de 1868. (2)

Era filho legítimo do Professor Gil Tomaz Lourenço e D. Francisca Laurinda da Frota.

Com seu pai fêz, em Sobral, o curso primário.

O Padre Antônio Tomaz logo aí se revelou infenso às matemáticas, contando-nos o seguinte Dinorá Tomaz Ramos: "Quase diàriamente, no curso primário, era castigado pela dificuldade que lhe acarretava o estudo da Aritmética. O Professor Gil era intransigente e nunca perdoava um êrro na resolução de cálculos ou problemas. Antônio Tomaz confessou mais tarde que, pela manhã, ao despertar, logo lhe acudia à mente, entristecendo-o, a lembrança do castigo certo".

Cursou, mais tarde, as aulas de francês e latim, ainda em Sobral, no colégio do Professor Vicente Arruda, vindo dali para esta cidade, em cujo Seminário em seguida se internou, concluindo nêle os seus estudos.

Recebeu o Presbiterato ou Ordenação Sacerdotal a 6 de dezembro de 1891.

Exerceu o paroquiato durante trinta anos, tendo sido vigário de Trairi e de Acaraú, de 1892 a 1924, "quando, por motivo de saúde, deixou o exercício do múnus paroquial, a que dedicara tôdas as reservas da sua atividade apostólica, com louvável edificação do seu estremecido rebanho".

Passou, então, a residir, mas sem função paroquial, na cidade de Santana, no seio da família, que lhe não economizou os necessários cuidados.

Piorando, porém, em meados de 1940, o seu estado de saúde, fixou

a sua residência na Santa Casa de Misericórdia, da cidade de Sobral, de cuja capelania não se desobrigou até o mês de abril de 1941, quando se transportou para esta capital, a fim de se submeter ao indispensável tratamento.

Tendo-se sujeitado a "dolorosa intervenção cirúrgica", veio, afinal, a falecer de um colapso cardíaco, a 16 de julho de 1941. (3)

Conta-nos Dinorá Tomaz Ramos: "Quando faleceu Monsenhor Furtado (eram amigos estremosos e tratavam-se por irmãos), que, dos colegas de ordenação, foi o segundo a morrer, entristeceu-se e disse: éramos seis; restavam apenas quatro. Do ano passado a março do corrente ano, faleceram outros dois. Participou-me desolado, acrescentando — agora somos apenas dois. E, como num pressentimento nefasto, costumava dizer, sempre que se sentia mais doente: — *estou desanimado de celebrar a minha festa* (a festa das suas bodas de oiro de sacerdote, que êle celebraria a 6 de dezembro de 1941). Nem mesmo, depois de operado, lhe morrera ainda na alma a estremecida esperança, pois, quando o visitei, a 12 de julho passado, em Fortaleza, falou-me ainda de suas bodas de oiro. Quis, porém, Deus que êle fôsse celebrar no Céu a sua festa, como o disse o Revmo. Padre Monteiro da Cruz, amigo devotado e incansável, a quem o Padre Antônio Tomaz deveu muitas consolações e confortadoras palavras de caridade cristã, nos seus últimos dias".

De disposições testamentárias suas, além de constar o seguinte: "Nasci pobre e por gôsto continuei a sê-lo até hoje, tendo tido sempre como regra não acumular fortuna (4), figuram ainda estas determinações: "Quero ainda que o meu corpo seja enterrado sem esquife, e que a pedra da sepultura (construída por êle 11 anos antes de morrer) seja reposta no mesmo plano, ficando debaixo do chão, como atualmente se acha, e que não se ponha em tempo algum, sôbre ela, nome, data, inscrição ou qualquer sinal exterior que a faça lembrada", "querendo morrer como viveu, na mais inviolável obscuridade".

Tais resoluções a família observou-as religiosamente, repousando os seus restos mortais dentro da Igreja de Santana do Acaraú, lado direito do altar-mor.

Homem dotado de extrema modéstia, ainda pede, em seu testamento, encarecidamente, aos irmãos, sobrinhos, parentes e amigos que nunca, de forma alguma e sob qualquer pretexto, concorram para a publicação coletiva dos seus versos, última vontade que a família tem estritamente respeitado. (5)

Haveriam, certamente, de nutrir o Padre Antônio Tomaz, procurando impedir a publicação dos seus versos, os mesmos sentimentos que dominavam a Anatole France, não acreditando que o discípulo de M. l'Abbé Coignard fizesse imprimir sua obra. "Je serais tenté de croire" — diz êle — que l'élève de M. l,Abbe Coignard ne fit pont imprimer

son ouvrage, parce que, formé par un si bon maitre, il jugeait sainement de la gloire littéraire, et l'estimait à sa valeur, c'est-à-dire autant comme rien. Il la savait incertaine, capricieuse, sujette à toutes les vicissitudes et dépendant de circonstances en elles — mêmes petites et misérables. Voyant ses contemporains ignorants, injurieux et médiocres, il n'y trouvait point de raison d'espérer que leur postérité devint tout à coup équitable et sure. Il augurait seulement que l'avenir, étranger à nous querellos, nous accorderait son indifférence à défaut de justice.

Nous somes presque assurés, grands et petits, elle nous reunira dans l'oubli et repandra sur nous tous l'égalité paisible du silence".

Era constante e profundo, como se viu, o seu "desapêgo aos bens terrenos" e grande o desdém com que "encarava as honrarias, o fausto e as glórias do mundo".

O Padre Antônio Tomaz devia ter sempre bem presente ao espírito a egrégia lição de Frei Heitor Pinto: "Eurípedes dizia que a glória do mundo não durava mais que um dia, como conta Plutarco. E ainda disse muito. E não sem causa foi repreendido de Demétrio: que não houvera de dizer um dia, mas um ponto, porque num ponto se consome tôda ela. E daqui veio o antigo provérbio: *Homo bulla,* de que usa Varro na prefaciação dos livros da "Agricultura" e Luciano no "Diálogo de Caronte", que querem dizer que o homem é uma ampola de água, que logo se desfaz".

Entretanto, deram-lhe os seus compatrícios o primeiro lugar no memorável concurso aberto, em 1925, pelo "Ceará Ilustrado", para o fim de apurar-se qual o nosso maior poeta vivo, sendo, então, consagrado — O Príncipe dos Poetas Cearenses. (6).

É que, como dizia Sousa Macedo, as honras humanas, em tudo sombras, fogem a quem as segue, e seguem a quem as foge.

Lembre-se ainda que no centro da praça principal de Santana do Acaraú há uma herma representando "o primoroso vate", estando estampado em placa de bronze o sonêto "Palhaço", uma de suas "magistrais" produções.

O Padre Antônio Tomaz — como se disse no lugar competente do 1º volume, fêz parte da Academia Cearense de Letras, quando da sua reorganização, em 1922, sob os auspícios do então Presidente do Estado, Dr. Justiniano de Serpa.

O ínclito sacerdote era poliglota, pois falava bem francês, italiano, espanhol e inglês. Dava-se também à tradução de autores celebrados, como Daudet, Manzini e Longfellow. Estudou, outrossim, esperanto, mantendo correspondência com centros esperantistas de todo o mundo (*Liga Internacional de Esperanto*).

O POETA

2 — A poesia do Padre Antônio Tomaz (7) se constitui de duas partes: uma, a principal, a mais numerosa, de sonetos, e a outra, secundária, embora não despicienda, de poesias pròpriamente ditas, de feição e ritmos **variados**.

O SONETISTA

3 — O sonetista, que foi o Padre Antônio Tomaz, de tão possante enfibratura, que se atraiu a si a justa nomeada de um dos maiores sonetistas da Língua Portuguêsa (8), iniciou-se na publicação de seus sonetos, no ano de 1901. É o que se vê da *História da Literatura Cearense,* de nossa autoria, na qual conseguimos apurar que, no aludido ano — (inexistente qualquer manifestação poética pública anterior) — publicou, no *Almanaque do Ceará,* para 1901, o sonêto *Post-Laborem,* e na *República,* de fevereiro e abril de 1901, respectivamente, os sonetos *Invictus* e *Subindo e Descendo,* (9) publicando, também, o sonêto *Contraste,* no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro,* de 1901, pág. 222.

4 — Há uma primeira coisa a afirmar relativamente ao sonêto do grande acarauense: — não obedece a princípios poéticos rígidos, por outros têrmos, não pertence a qualquer escola, das ordinàriamente consagradas.

Isto mesmo reconhece Clóvis Monteiro, assim se pronunciando a propósito: "Formulo acêrca de escolas poéticas opinião assaz própria. Atrevo-me a confessar que tenho em conta de pouco racional o processo de poetas, obedecendo a determinadas doutrinas, criadas e impostas pelos chamados mestres. Poesia é o sentimento espontâneo. Êste, ao ser expresso, como jóia que é, requer a forma em que deve engastar-se, o modêlo que melhor lhe convém. Importa, pois, em grave deslize, no qual incorrem muitos versejadores de agora, procurar amoldar a alma a certo gênero, visto como, não mui raro, a inspiração destarte é forçada a um leito de Procusto. Não há escola que surgir, nem estilo que imitar — êste o dilema do poeta que, estudando-se a si mesmo, chega a ter verdadeira noção do que vem a ser poesia".

E conclui que está neste caso o Padre Antônio Tomaz, acrescentando que "êle avulta, diante da crítica anódina dos hodiernos, com um estro que se não confunde, porque não educado conforme às exigências dos pretensos artistas, que os há, em todos os tempos, com a estultícia de ditar leis aos incipientes e aos frívolos". (10)

O Padre Leopoldo Fernandes confirma esta conclusão, dizendo que aos que lêem os versos do Padre Antônio Tomaz logo acode a idéia de que não se trata de um poeta que se fêz a golpes de esforços intensos e

continuados, refletindo em sua poesia modelos de determinadas escolas, mas de um poeta que "nasceu poeta", que poetou por fôrça do imperativo irredutível do temperamento da vocação, com o dom inato de fazer versos por conta própria, liberto de normas ou princípios nem sempre racionais e razoáveis, ditados pelos mestres daquém e dalém mar, fôssem parnasianos, simbolistas, épicos, dramáticos, líricos, etc.

"O dom poético não foi, pois, digo com o Sr. Clóvis Monteiro, predicado que o poeta adquirisse com esfôrço mental. O verso, que não está sujeito aos caprichos de quem quer que queira mostrar-se original, apresentando-se exótico, foi, no fidalgo sonetista, forma natural de poesia. (11)

O próprio Padre Antônio Tomaz — perguntado um dia por alguém — é o Padre Leopoldo Fernandes quem o testemunha — qual o gênero poético da sua preferência ou, melhor, a que escola se filiara na poesia brasileira, prontamente atendeu ao interpelado com esta resposta que lhe saíu dos lábios algo contraídos por um sorriso animado de um movimento de finíssima e discreta ironia: "Eu pertenço ao batalhão das letras que não tem comando. Por temperamento fui sempre hostil ao passo militar, e ao ritmo de uma brigada sob a batuta de um general, eu prefiro o sussurro livre e suave da folhagem de uma grande árvore, ou a música festiva dos meus canários".

E concluiu com esta confissão bastante desconcertante para o seu interlocutor — acentua o Padre Leopoldo: "Eu sou meio selvagem, meu amigo; nasci para amar a natureza e andar bem longe dessas outras criaturas que se dizem meus semelhantes" (12).

5 — De tudo resulta que o seu verso é simples, natural, desartificioso, espontâneo, a estrofe, na frase de Sales Campos, lhe saindo da pena fácil e fluente, como água a correr de fonte farta. É todo cadência, maviosidade, harmonia e ritmo, tocado, sempre, de melodioso lirismo, e de irresistível emoção, suave e comunicativa.

Isso sacrificar-lhe-á, por vêzes, a perfeição artística.

Possa, porém, o poeta transmitir ao seu leitor, de modo a agradar--lhe o ouvido, as delicadezas do seu coração e as belezas do seu pensamento, e estará satisfeito.

Como de La Fontaine dizia Saite-Beuve, o nosso grão poeta *se mete* voluntàriamente aos seus versos, e nos entretém dêle e de sua alma, das suas bizarrices e das suas fraquezas.

E é o bastante. (13)

Irrecusáveis expressões dessa espontaneidade, dessa naturalidade e dessa singeleza (deixada de lado a valia intrínseca da idéia), são os seguintes sonetos, além de *Contraste,* já transcrito à pág. 42, do 2º tomo (14), todos os quais atestam o excepcional poder que tinha de fechar sempre com chave de oiro os seus sonetos:

À MINHA MÃE

Quer viva alegre, quer me punjam dores,
Jamais esqueço a minha Mãe querida,
Pois trago dentro em mim como esculpida
A imagem dela ornada de fulgores.

E de contínuo em místicos ardores
Se eleva aos céus minha alma enternecida,
Pedindo a Deus que lhe prolongue a vida
E lhe conceda sempre os seus favores.

E quando eu vou rezar à Virgem pura,
Sucede que o seu nome se mistura
Às minhas preces com freqüência tanta...

Que eu temo, às vêzes, não se manifeste
Enciumada a minha mãe celeste
Do grande amor que eu tenho àquela Santa.

O PALHAÇO

Ontem, viu-se-lhe em casa a espôsa morta
E a filhinha mais nova tão doente!
Hoje o empresário vem bater-lhe à porta,
Que a platéia o reclama impaciente...

No palco em breve surge... Pouco importa
O seu pesar àquela estranha gente...
E ao som das ovações que os ares corta
Trejeita e canta e ri nervosamente.

Aos aplausos da turba êle trabalha,
Para esconder no manto em que se embuça
A cruciante angústia que o retalha.

No entanto, a dor cruel mais se lhe aguça
E, enquanto o lábio, trêmulo, gargalha,
Dentro do peito o coração soluça. (15)

BUENA DICHA

"Se não falha o que a sorte determina,
Certo uma graça insigne e preciosa
Em breve alcançarás... Virgem ditosa,
Como eu te invejo a incomparável sina!"

Assim disseram os fados de Malvina
Velha cigana em predições, famosa,
Mirando atenta a palma côr de rosa
De sua mão fidalga e pequenina.

E um mês depois jazia à luz dos círios
A linda moça, entre jasmins e lírios,
Num leito azul de rosas enfeitado:

Uma grinalda sôbre a face pura
E um longo véu de esplêndida brancura
Como se fôsse para algum noivado.

NA MORTE DE UM CANÁRIO

Finou-se o Verdi, meu pequeno e louro
Amigo no pesar e na ventura:
Morreu da venenosa mordedura
De uma aranha talvez, ou de um besouro;

Que eu bem lhe vi por entre as penas de ouro,
Quando o ia levando à sepultura,
O claro indício, nessa nódoa escura
A lhe manchar da cabecinha o couro.

Ontem, sadio, alegre e prazenteiro,
Cantara sem cessar o dia inteiro
Levando os companheiros de vencida;

Hoje, tudo acabou. Eu sonho entanto
Ouvir ainda os ecos do seu canto
Como um adeus de eterna despedida.

COMPOSTURA

Triste mortal que de contínuo choras,
Anunciando a todos, voz em grita,
A desventura que te infelicita
Para a qual lenitivo ao mundo imploras,

Dêste modo de certo não minoras
A funda mágoa de tua alma aflita:
Riso sòmente e não piedade excita
O vão clamor com que teu mal deploras.

Se não sabes sofrer as tuas penas,
De rosto alegre e ânimo jocundo,
Como as almas estóicas e serenas,

Aprende ao menos a sofrer calado,
Pois a maior desgraça dêste mundo
É parecer aos outros desgraçado.

6 — Aliás, a criação poética, no Pe. Antônio Tomaz, era rápida, fácil e despreocupada.

Observa o Pe. Leopoldo Fernandes que o fazer versos era uma das coisas que menos preocupavam o grande sacerdote, e que, quando os fazia, fazia-os obedecendo a uma tendência natural de seu espírito, de cujas profundezas emergiam êsses desejos e essas emoções, êsses clarões difusos que traziam sempre coloridas as regiões de seu subconsciente, e a êle cabia transfigurar êsses desejos e essas inspirações em graciosas realidades.

E acrescenta: "O nosso querido poeta foi um notável representante dessas rápidas e fáceis composições. Não que compusesse seus sonetos em quaisquer circunstâncias e em qualquer hora, como certos trovadores sertanejos, quando provocados por um adversário nos famosos "desafios".

O Padre fazia seus versos fechado em seu gabinete, isolando-se tanto quanto possível dos rumores das ruas, e até de sua própria residência. Aliás o silêncio, a mesma solidão, foram sempre melhor agasalho para seu espírito que as atividades e agitações sociais. Haveria, certamente, uma elaboração anterior, um trabalho que se realizava, talvez, na penumbra do subconsciente, antes que da pena do poeta surgissem seus sonetos. *Desejo apenas frisar que, quando começava a escrever um sonêto, não se erguia da cadeira antes de terminá-lo.* E sei que o tempo máximo para êsse trabalho não ultrapassava de uma hora. O *sonêto* "Santa Teresinha" (de que falaremos), *êle o escreveu em quinze minutos*". (16).

Referindo-se ao sonêto *"A Morte de meu canário"*, que acima inserimos, diz o Pe. Leopoldo: "A Morte de meu canário", um belo sonêto, foi igualmente feito em poucos minutos. O Padre chegara de uma confissão em lugar bastante afastado da sede da Paróquia, e apenas desce do animal em que viajara, sua velha cozinheira vai lhe dizendo: "O Verdi" morreu". "Verdi" era dos muitos pássaros que encantavam seu selecionado viveiro. Cansado, e naturalmente indisposto, o poeta entra em seu gabinete, e ainda de botas e esporas, escreve o sonêto que é, por sua vez, uma imagem do contraste que a vida nos oferece diante da morte". (17)

7 — Como fizemos ver no tomo 3º desta monografia (pág. 148), Jackson de Figueiredo sustentava que o Padre Antônio Tomaz, com José

Albano, eram os nossos dois únicos poetas dos quais se pode dizer que realmente pertencem à Igreja, consistindo nisso a sua capital característica.

Com efeito, e acima de tudo, o Pe. Antônio Tomaz era o poeta de Nossa Senhora, por quem nutria insuperável e profundíssima devoção e que, por isso mesmo, devia estar, como de fato está, sempre presente nos seus sonetos, aí exaltando-lhe o poeta a valia e o poder, magnificando-lhe os méritos, invocando-lhe o amparo e o patrocínio, na vida e na morte, cantando-lhe o sofrimento e a resignação inenarráveis, tudo em transportes e arrebatamentos líricos da maior suavidade e do maior encanto.

Sirvam de eloqüentes exemplos, entre outros, os seguintes sonetos:

M A R I A

Ó Virgem Mãe de Deus, casta, impoluta,
Que a serpente infernal aos pés esmagas,
Dizem teu nome a brisa, o rio, as vagas,
Em seus ecos repete ao longe a gruta.

Quando nas fráguas da renhida luta
Vês-me tremer, minha esperança afagas
Com teu olhar de refulgências magas
Com doces vozes que a minh'alma escuta.

A fronte ornada de lauréis virentes
Ao bardo inclina e não serão latentes
Os teus louvores no meu rude verso.

Dão-te preito de amor em tons suaves
A voz dos homens, o trinar das aves,
O céu, a terra, o mar . . . todo o universo.

S A L V E, R A I N H A

Salve, ó Regina, Mãe dos Pecadores
E dos tristes mortais vida e doçura!
Luz de esperança a derramar fulgores
Nos ínvios trilhos da existência escura.

Neste vale de lágrimas e horrores
A ti bradamos, cheios de amargura,
Suspirando e gemendo as nossas dores
Sob a pressão do mal que nos tortura.

De lá das plagas lúcidas, serenas,
Em que habitas, por sôbre as nossas penas
Esparge o teu olhar e o teu sorriso.

E mostra-nos, depois de consumada
Do nosso exílio a aspérrima jornada,
O teu filho, Jesus, no Paraíso!

A V E, M A R I A

Ave, Maria! ó cândida donzela,
Tôda cheia de graça e formosura,
Deus é contigo, excelsa criatura,
E o seu poder imenso em ti revela.

Bendita és tu, mimosa flor singela,
Preservada por Deus da culpa escura
Entre tôdas as virgens a mais pura,
Entre as mulheres tôdas a mais bela.

Jesus — o doce fruto originado
Do teu seio — é bendito e celebrado
Por céus e terra em místico transporte.

Santa Maria, ó Mãe de Deus querida,
Pede por nós durante a nossa vida,
Dá-nos o céu depois da nossa morte. (18)

R A I N H A D O S C É U S

O Rei de quem todo o poder dimana
De cujo amado Filho és genitora,
A ti, Maria, fêz dos Céus Senhora,
Do Universo Rainha e Soberana.

E dessa glória com razão se ufana
Dos filhos de Eva a turba sofredora:
Pois junto a Deus és nossa intercessora,
Auxílio e fôrça da fraqueza humana.

Espalham tuas mãos por sôbre o mundo
Largas torrentes dêsse amor profundo
Que pelos homens no teu seio aninhas.

Por isso os Céus e a terra juntamente
Te proclamam Senhora, a mais clemente,
A mais piedosa e doce das Rainhas.

MATER DOLOROSA

"Magna est enim velut mare contritio tua"
(Das Lamentações de Jeremias)

Traspassada de dor e de amargura,
Junto ao madeiro em que Jesus expira,
Lágrimas verte e trêmula suspira
A Virgem de Sião formosa e pura.

A dor cruel que o peito lhe tortura
Em seu semblante pálido transpira . . .
Debalde, ó Mãe chorosa, a minha lira
Teu sofrimento acompanhar procura.

Tão pungentes angústias, não há côres
Que as pintem fielmente, o negro arcano
Não há quem sonde de tão fundas dores.

Resume o teu martírio sôbre-humano
A grandeza, os abismos, os travores
E as tempestades tôdas do oceano.

MARIS STELLA

O mar, sanhudo e altivo, cospe a vela
E, em fúria, impele o dorso ao barco amigo.
Um astro só não luz . . . em trevas sigo . . .
De susto e horror meu sangue esfria e gela.

Oscila e estoura a vaga, uiva a procela.
Espuma e ronca o mar . . . cresce o perigo,
Lesto, em busca do pôrto, em vão prossigo
E em ti os olhos cravo, ó pura estrêla!

Dirige, ó Mãe, o pobre entre os escuros,
Fundos abismos dêsse turvo mar,
Guia os coitados nos escolhos duros!

Rumo, ao triste batel, só podem dar
Os doces risos de teus lábios puros
E a luz bendita de teu doce olhar.

MISTICISMO

No mesmo altar de imácula brancura,
Onde eu a vi na infância descuidosa,
Tantas vêzes sentindo a vista escura
Do meu pranto, por vê-la assim chorosa:

Se ostenta ainda a pálida figura
Da Mãe de Cristo — a Virgem Dolorosa;
De lágrimas banhada a face pura,
Entreabertos os lábios côr de rosa.

E hoje, como outrora, eu sinto ainda
Vibrar minha alma de tristeza infinda
De estranha mágoa e funda compaixão...

Vendo-a chorar, naquele nicho estreito,
De mãos cruzadas, tendo sôbre o peito
Sete espadas rasgando um coração.

IMACULADA

Pouca gente haverá que não conheça
Essa mulher de branco e azul vestindo,
De porte esbelto e de semblante lindo
Aos ombros sôlta a cabeleira espêssa.

Áurea coroa cinge-lhe a cabeça
Verte dos olhos um dulçor infindo
Tem as mãos juntas como que pedindo
Que a nossa mente nunca mais a esqueça.

Uma tôrva serpente verde-escura
De olhos em sangue e bôca escancarada
Rasteja em tôrno à celestial figura,

Que do réptil sôbre a cabeça ascosa,
Num gesto de domínio tem firmada
Do pé direito, a planta côr de rosa.

MEMORARE

Lembrai-vos, doce mãe, terna Maria,
Que nunca foi por vós desamparado
Quem vosso auxílio e maternal cuidado
Com fé vos implorou como devia.

Nesta esperança que me alenta e guia,
Venho buscar, de culpas carregado,
Auxílio e proteção contra o pecado,
Em vosso branco seio, ó Virgem pia.

De quem tão confiado vos procura,
Dos vossos meigos olhos protetores
Não aparteis a luz benigna e pura.

Pois essa luz de radiações serenas
Não sòmente dissipa os meus temores,
Mas em gôzo converte as minhas penas.

MATER ROSARI

Quantas vêzes, Maria — vão sem conta! —
Quando me assalta rijo o sofrimento,
Nas contas do rosário encontro alento,
Alívio, paz, consôlo, em cada conta.

Quantas vêzes, parece-me, desponta
Um raio de esperança, no momento
Em que minha alma, — aflito, o experimento —
Nas contas de um rosário ao céu remonta!

Ave Maria...! E digo tudo!... Digo
Ave, esperança minha, amparo, abrigo
De quem mais nada tem que a noite e o dia.

Porta do Céu, Consôlo dos Aflitos,
Padeço muito, choro, ouvi meus gritos,
Mãe de Jesus e Minha Mãe! — Maria.

MÃE E VIRGEM

Cantei, Senhora, o Mar e a Natureza,
— Dupla grandeza que o meu estro inspira,
E fui mais longe: Dedilhando a lira,
Canções ditei ao Riso e à Tristeza.

Sòmente a Vós, ó Mística Beleza,
Por mais que a inspiração meu estro fira,
Jamais encontrarei — não é mentira! —
Com que exalçar a vossa Realeza!

Mãe!... Que sublimidade num conceito!
E Mãe!... E Virgem!... Causa-me vertigem.

Delira a mente, pois em vão procura
Sondar o abismo divinal, perfeito,
De um tal prodígio numa criatura.

Através do mês de maio, que saúda em melodioso quatorzeto, canta a Virgem Santíssima Senhora Nossa, como, encantado, a chamava o Padre Vieira:

MAIO

Pelo seio da floresta,
Numa vibrante harmonia,
Vão os pássaros em festa,
Saudando o mês de Maria.

Fugindo à mágoa funesta,
Exultando de alegria,
Minh'alma risonha e lesta
Entre sonhos irradia.

Salve, ó mês festivo e lindo,
Dizem os noivos sorrindo,
Cheios de afeto e carinhos.

Cobre-se o céu de esplendores,
E cantam tôdas as flôres,
E cantam todos os ninhos.

8 — Poeta religioso, impressionava-o também essa figura ciclópica de Jesus — o Homem-Deus, os momentos culminantes de cuja vida — desde o seu Nascimento à sua Ascensão — inspirativamente descreveu e fixou.

NASCIMENTO DE JESUS

Acendem-se clarões no ar circunvizinho
Da gruta de Belém, nos montes, nas planuras,
E vão perder-se, além, nas curvas do caminho,
Os hinos de louvor que descem das alturas.

Entrai na humilde gruta: entrai devagarinho,
E pasmo ali vereis celestes criaturas,
Cingidas de fulgor, as vestes côr de arminho,
A desferir canções tão doces e tão puras!

Vereis a São José, vereis Nossa Senhora
Na bela posição de quem suplica e ora,
Cercada de aldeões; e o berço em que descança.

Pequenino e risonho, o meigo olhar sereno,
Entre dois animais, deitado sôbre o feno,
O Verbo feito carne, um Deus feito criança.

JESUS ENTRE AS CRIANÇAS

Amo-te, ó Cristo, ao ver as Madalenas
Humildes, curvas a teus pés, chorosas,
Louvo-te ao ver as vagas procelosas
Te obedecerem calmas e serenas.

Eu te admiro, pasmo, quando ordenas
Às legiões satânicas, raivosas,
Das turbas que a ti correm pressurosas,
Eu te bendigo, consolando as penas.

Venero-te fazendo tantas curas
E arrebatando a prêsa às sepulturas
Com simples gestos dessas mãos divinas.

Enfim te adoro ao ver-te agasalhando
Sôbre os joelhos o famoso bando
Destas cabeças louras, pequeninas.

FLAGELAÇÃO

Ei-lo, o doce Jesus de mãos atadas,
Prêso à coluna, em meio à praça erguida;
Das mãos do algoz, sem conta e sem medida,
Chovem sôbre Êle duras vergastadas.

Esguicha o sangue, à fôrça das pancadas,
E a pele arroxeada e intumescida
Abre-se tôda numa só ferida,
Deixando a nu as carnes laceradas.

Do povo ali presente alguém censura
Da pena o excesso. Embora isto o desgoste,
Suspende o algoz a bárbara tortura.

O mártir, num delíquio, os olhos cerra,
E, sôlto o laço que o prendia ao poste,
Vacila e cai pesadamente em terra.

A CRUCIFIXÃO

Eu perguntei ao Céu: — "Que monstro carniceiro
A um Deus crucificou?". E o céu disse num brado:
"O Homem! Apaguei o sol de horrorizado,
Vendo o justo expirar, pendente do madeiro".

Interroguei o mar: — "Quem foi o triste obreiro
Da torpe iniquidade?" — "O Homem! disse irado
O Mar; — quando se deu o bárbaro atentado,
Em escarcéus me ergui; e o disse ao mundo inteiro!"

Falei à Terra; e a Terra em vozes de censura:
"Foi o homem! — bradou; então de mágoa pura,
Estalando me abri, ao crime hediondo oposta".

Ao homem, que passava alegre pela vida,
Igual pergunta fiz; mas êle, a fronte erguida,
Com desprêzo me olhou, e não me deu resposta. (19)

DEUS HOMO

Amo-te, ó Cristo, dessa cruz pendente,
Varado o coração de acerbas dores,
Do teu suplício os bárbaros rigores
Sofrendo humilde e resignadamente.

Porque assim te revelas claramente
O Deus dos filhos d'Eva sofredores,
Apto a ouvir os brados e os clamores
Da miseranda e triste e humana gente.

Folgo em saber, nas horas de amargura,
Que um Deus de natureza igual à minha
Sofresse a mesma dor que me tortura.

Não quadra um Deus feliz ao desgraçado;
Por isto mesmo aos homens não convinha
Senão sòmente um Deus crucificado.

A MORTE DE JESUS

Da cruz pendente expira; e, sem demora,
De susto e horror, desmaia o sol na altura,
Cobre-se o céu de um manto de negrura
E o mundo inteiro treme e se apavora.

Trajando luto, a Natureza chora;
Fende-se a terra, estala a rocha dura;
E, abandonando a paz da sepultura,
Vagueiam mortos pelo campo afora.

Além ronca o trovão sinistramente,
Fuzila o raio e, em doida tempestade,
Brame e se agita o velho mar gemente.

Tinhas, de certo, ó Cristo, a Divindade,
Pois na morte de um Deus, de um Deus sòmente,
Pode haver tanta pompa e majestade!

ASCENSÃO DE JESUS

O Mestre vai partir... Serena e pura
A destra ao ar eleva, abençoando
Dos seus fiéis discípulos o bando,
Postado sôbre a víride planura.

E lá no cimo da montanha escura,
Ligeiro e doce impulso ao corpo dando,
Vai pouco a pouco aos ares se elevando,
Em plena luz, dos céus em diretura.

E enquanto ascende para o azul infindo,
Uma nuvem brilhante, côr de rosa,
Ao seu encontro das alturas desce.

E vai subindo mais... E vai subindo...
E vai subindo... até que à vista ansiosa
Da multidão, enfim, desaparece.

9 — A traição de Judas, a abjeção e a vileza do Mau Discípulo arrancaram à sempre inspirada lira do padre-poeta êstes três expressivos sonetos — manifestações da sua profunda religiosidade, como também os dois sonetos que lhes sub-seguem:

INTER POCULA

Tendo o grupo da ceia já servido,
Cisma o doce Jesus sentado à mesa,
Mudo, o rosto sombrio e a alma prêsa
De negro e fundo horror jamais sentido.

Nota da turma ao mestre o mais querido:
Nunca vos vi, Senhor, tanta tristeza,
— Punge-me n'alma, viva, atroz certeza
De em breve estar por um de vós traído...

Vêde aqui o traidor o punho alçando...
Busca o meu prato, disse o mestre insonte.
E uns aos outros entre si se olhando

Viram cheios de pasmo, as bôcas mudas,
Do prato que Jesus tinha defronte
Sair de chôfre a negra mão de Judas.

MISERICÓRDIA SUPREMA

Judas vai enforcar-se; e porventura
Passa defronte do Calvário, à hora
Em que, sôbre êle, a cruz do mestre arvora
Um bando, à luz do sol, radiosa e pura.

À triste cena em vão fugir procura
E ali, todo a tremer, o busto escora
No flanco de um rochedo... Sem demora
Jesus lhe avista a esquálida figura.

E das mil chagas de seu corpo inerte,
Sangue mais vivo e mais profundo verte,
Um longo olhar volvendo ao desgraçado;

E nesse olhar de uma ternura infinda
Parece lhe dizer: — é tempo ainda;
Vem lavar no meu sangue o teu pecado.

BEIJO PÉRFIDO

Jesus, no hôrto, aos seus amigos fala
Do vil traidor cuja intenção revela.
Descai-lhe, triste, a fronte augusta e bela
E funda e horrível dor seu peito abala.

Na sombra esguio vulto, além, resvala:
É Judas. Vai como gentil gazela...
Pára, escuta... caminha com cautela.
E o pé sutil nenhuma fôlha estala.

Eis que encontra Jesus. Não mais vacila:
Cinge-lhe o peito e à pura face cola
O imundo lábio que a peçonha estila.

Mas sôbre a face que o deicida oscula,
Quente e profuso, o pranto em fio rola,
Para expungir a nódoa que o macula.

10 — Santa Teresinha provoca-lhe os mais ardentes louvores e os mais místicos arroubos:

SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS

Em seus dias terrenos ocupada
Em colhêr flôres para o Céu, dizia
Que, logo que ao Céu tivesse entrada,
Flôres, também, de lá nos mandaria.

E ao ser à eterna glória transportada
Gozava já de tanta e tal valia,
Que logo foi por Deus autorizada
A cumprir a promessa que devia.

Para êste fim, além de mais favores,
Deus lhe outorgou direito absoluto,
Em seus régios domínios, sôbre as flôres.

E dos jardins que o Paraíso encerra,
De soror Teresinha ao simples nuto,
Caem chuvas de rosas sôbre a terra.

11 — E arrebata-o, e extasia-o, num arroubamento de fé católica, afirmativa e inquebrantável, a história sagrada, como de tudo nos dá notícia o sonêto

OH! SALUTARIS HOSTIA

Hóstia branca da côr de um lírio aberto
E menor do que uma estrêla pequenina,
Tens dentro de ti mesma a luz divina,
Assim perto de nós... assim tão perto...

Perfeito, como está nos céus, é certo,
Sob tua forma e côr a fé me ensina,
Está quem fêz os montes, a campina,
O céu, a terra, os mares, o deserto.

Hóstia divina, essencialmente pura,
Hóstia branca, da mesma côr do lírio,
Vida das almas... cheia de candura!

És o alimento dalma, que, em delírio,
Do mais ardente amor, o céu procura,
Cândida, limpa, como a luz de um círio. (20)

12 — Como o diz, expressamente, no sonêto *Mãe e Virgem* — por nós já transcrito, o Padre Antônio Tomaz cantou o *mar e a natureza* — *"dupla grandeza que o meu estro inspira"*.

Cantando o *mar*, de que era fanático, como nos diz Monsenhor João Alfredo Furtado, na citada palestra, ora faz dêle, em expansões íntimas, depositário e confidente das suas mágoas, das suas amarguras, das suas decepções:

CONFIDÊNCIAS

Eu fui contar, chorando, as minhas penas
Ao velho mar; e as ondas buliçosas,
Pensando que eu diria essas pequenas
Mágoas comuns ou queixas amorosas,

Não quiseram cessar as cantilenas,
Que entoavam nas praias arenosas;
Mas, pouco a pouco, imóveis e serenas,
Quedaram tôdas, por me ouvir ansiosas.

E, concluída a narração de tudo,
Mostrou-se o mar (pois nunca tinha ouvido
História igual) sombrio e carrancudo.

Depois, rolando as gemedoras águas,
Pôs-se a chorar, também compadecido
Das minhas fundas, dolorosas mágoas. (21)

Ora, enleva-se a ouvir-lhe cantigas álacres ou saudosas endechas; urros tigrinos ou vagidos infantis:

VOZES DO MAR

No marulhar da vaga buliçosa
O velho mar declama, noite e dia,
Uma estranha canção misteriosa
Que a muito ouvido encanta e delicia.

Ora profere, em grita jubilosa,
Hinos festivos, cantos de alegria,
Ora modula, em triste voz chorosa,
Trenos de dor e salmos de agonia.

Não raro êle tem brados de amargura,
Uivos de fera e algo que parece
O gargalhar sinistro da loucura.

E às vêzes lembra, na toada mansa,
Rumor de beijos, segredar de preces,
E balbucios meigos de criança.

Ora, considera-o, contraditòriamente, elemento de vida e de morte, como explica no sonêto

A MORTE DO JANGADEIRO

Ao sôpro do terreal abrindo a vela,
Na esteira azul das águas arrastada,
Segue veloz a intrépida jangada
Entre os uivos do mar que se encapela.

Prudente, o jangadeiro se acautela
Contra os mil acidentes da jornada;
Fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada
O vento, a chuva, os raios, a procela.

Súbito, um raio o prostra e, furioso,
Da jangada o despeja nágua escura;
E, em brancos véus de espuma, o desditoso

Envolve e traga a onda intumescida,
Dando-lhe, assim, mortalha e sepultura
O mesmo mar que o pão lhe dera em vida.

Ora, segreda-lhe e confidencia-lhe que, como os dêle, a soluçar constantemente, são os seus sofrimentos e desventuras, ao exclamar no sonêto:

O MAR

Levanta o dorso... se espreguiça e chora
E solta amargo, lúgubre gemido...
Tem um certo mistério que apavora
O seu plangente, intérmino bramido!

Faz a gente ficar embevecido
Com seus vaivéns de vaga gemedora,
E soluça com voz comovedora,
No seu viver inquieto e enfurecido.

Por que tu és tão revoltante assim?
Por que tu vives a clamar em vão
Neste constante e rude soluçar?

Junta com o meu o teu sofrer sem fim!
Se tens, ó mar, um grande coração,
No coração eu tenho um grande mar.

Ora, diz-nos que o mar tem acompanhado, de história adentro, a marcha da humanidade, presenciando-lhe, através dos séculos, as tragédias e as catástrofes:

TRISTES REMINISCÊNCIAS

Quantas cenas de dor em sua longa vida,
Tem na face do globo o mar presenciado,
Depois de ouvir a Adão chorar o seu pecado
E a Eva maldizer o filho fratricida!

Ouviu da multidão imensa submergida
Nas águas do dilúvio o angustioso brado;
Viu sempre e em tôda a parte o homem torturado
De mágoas e aflições sem conta e sem medida.

Por mil vêzes seguiu o curso furibundo
Dos flagelos de Deus desconcertando o mundo:
Terremotos, vulcões, a peste, a fome, a guerra.

E pois, guardando o mar tudo isso na memória,
Repete sem cessar,chorando, a longa história
Dos milênios de dor que pesam sôbre a terra.

13 — Cantando a *natureza,* ora o faz em vistas gerais ou panorâmicas, consoante ocorre com os sonetos que se seguem:

VESPERTINA

Sôbre as veigas e campos perfumados
Se estende um véu de sombras e palores;
Cingem, no entanto, vívidos fulgores
Os denegridos cerros escalvados.

Enxada ao ombro em cismas mergulhados
Voltam do campo os rudes lavradores;
Soam no ar bucólicos rumores;
Doces mugidos, cantos magoados,

Ao longe o sino em doloroso acento
Geme uma prece; a juriti suspira,
De quando em vez, um brado de lamento,

E na floresta — gigantesca lira —
Vai tristes nênias entoando o vento
Ao rei da luz que no poente expira.

IN EXTREMIS

Sôbre os colchões de nuvens côr-de-rosa
Reclina a fronte o sol agonizante
E, ao ver o estado do seu loiro amante,
Torna-se a terra triste e silenciosa.

Olham de longe a cena dolorosa
Sombras que vêem da banda do levante
E, suspensa do azul, muito distante,
Espreita a lua pálida e medrosa.

Cessam todos os cantos da floresta
E o seu pesar e a sua mágoa atesta,
Em soluços de dor, a ventania.

No entanto, exorta ao estro moribundo
O mar piedoso, e em tom de voz profundo
Lhe vai rezando os salmos de agonia.

CAMPESTRE

Das longínquas montanhas esfumadas
Transpondo os negros, alterosos cumes,
O astro rei desponta em vivos lumes,
Banhando a selva, o campo, as esplanadas.

Abrem-se flôres de pétalas nevadas
Pejando o ar de lânguidos perfumes;
Formosas borboletas, aos cardumes,
Voejam pelo campo, estonteadas.

Sôbre os ramos floridos, buliçosos,
Entoam docemente os passarinhos
Cantos suaves, trinos maviosos.

E aos casais, entre beijos e carinhos,
Arrulham pombos — noivos amorosos —
Na doce e branda tepidez dos ninhos.

LACRIMAE RERUM

Ouço-as gemer, em convulsões estranhas,
As árvores senis; choram os ventos;
Corre o pranto dos rios alvacentos
Pelas rugosas faces das montanhas.

O mar, fervendo em mal contidas sanhas,
Povoa o ar de queixas e lamentos;
Pelos vulcões em vômitos sangrentos
Expele a terra as cálidas entranhas.

No ocaso expira o sol todos os dias
E se cobrem de luto pelo morto
O lago, o bosque, o vale e as serranias.

E à noite vem com tôda a mágoa sua
Sôbre as mágoas da terra sem confôrto
Velar chorando a compassiva lua.

NO CAMPO

(Solilóquio)

Dá-me o sol sua luz e ao seu calor me aquece;
Dá-me a terra morada; o rio, a linfa pura;
As árvores, além de abrigos e frescura,
Doces frutos me dão, em farta e longa messe.

Dão-me as vacas o leite e, quando me apetece,
Dão-me a carne também; a ovelha, a vestidura;
As abelhas me dão seus favos de doçura...
Sem que disso lhes venha o mínimo interêsse.

Dão-me as flôres perfume; e ósculos no rosto
As brandas virações; as aves seu trinado;
E os homens só me dão trabalhos e desgôsto.

Assim falava eu ... E um que, escondido,
Ouvia o meu discurso, olhou-me admirado
E perguntou-me a rir, se eu tinha endoidecido.

FUNERAL

Banhado em sangue desce, e sôfrego procura
Um leito onde repouse o sol. E sem demora
Abre-lhe o seio o mar ... Em tôrno se colora
De um intenso vermelho a líquida planura.

Depois se extingue o sol. E a vasta sepultura
Fecha-lhe ainda o mar compadecido. E agora
Ao céu de luz vazio erguendo a voz sonora
Responsos pelo morto em graves tons murmura.

Das campinas em flor aos negros alcantis,
Reina o luto e o pesar. Seus cânticos de festa
Calaram por completo os pássaros gazis ...

E aos gemidos de dor que a juriti desata
Redobram de aflição no meio da floresta
Os soluços do vento e o chôro da cascata.

Ora o faz, destacando-lhe formas, quadros e aspectos particularíssimos: as flôres, as rosas, as árvores, o angico, a carnaubeira, os quais adquirem vida e humanidade, ao poder mágico do seu estro, como são disso exemplificativos os seguintes sonetos:

A MORTE DAS ROSAS

Nos canteiros orlados de verdura,
De mil gotas de orvalho umedecidas,
Cheias de viço e de perfume ungidas,
Desabrocham as rosas à ventura.

Mas a vida das rosas pouco dura,
E as míseras, em breve enlanguescidas,
A fronte curvam nos hastis pendidas,
Sob os raios de sol que além fulgura.

E vão largando as pétalas mimosas
Ao sôpro mau dos vendavais infestos,
E os despojos finais das tristes rosas

De côr vermelha, pelo chão tombados,
Fazem lembrar sanguinolentos restos
Dos pobres corações despedaçados.

ÁRVORE SOLITÁRIA

Há cem anos ou mais, surgindo da abertura
De um penhasco, nasceu — franzino arbusto — e agora
— Gigante vegetal — às nuvens se alcandora,
Banhando à luz do sol a coma verde-escura.

Nenhuma clara fonte em seu redor murmura,
Nem a abelha, zumbindo, a agreste flor lhe explora.
Nem lhe soam na fronde ao clarear da aurora,
Da passarada alegre os cantos de doçura.

Qual mísero galé, ao solo acorrentado,
Exposto fatalmente aos golpes do machado,
Às injúrias do tempo e à sanha das procelas,

Pranteia o velho angico a sua ingrata sina,
Do âmago vertendo o chôro da resina,
Por sôbre o tronco rude, em bagas amarelas.

A CARNAUBEIRA

Ao João Ramos

Nascida dos sertões na gleba adusta,
Sob os raios do sol abrasador,
Garbosa e altiva, ostenta o seu vigor
Das nossas várzeas, a princesa augusta.

Princesa... Bem que o nome se lhe ajusta,
Tal dos seus benefícios o primor
Pois dá sustento e côlmo protetor,
E cama, e luz ao pobre, à sua custa.

Tem certos modos de mulher faceira
Os longos verdes cachos exibindo,
Como tranças de enorme cabeleira.

E quando o sol a pino a terra escalda
Abana a fronde, os ares sacudindo,
Com seu formoso leque de esmeralda.

ÁRVORES

Ei-las em seus abrigos de verdura,
Convidando à pousada os viajores,
Dando sombra aos rebanhos e aos pastôres
Que o sol ardente de verão tortura.

Para todo o vivente que a procura
São como brandos numes protetores,
Cumulando de graças e favores
A mais humilde e frágil criatura.

Aqui vibrando de canções bizarras,
Tem os ramos floridos sempre cheios
De besouros, de abelhas, de cigarras.

Ali, cheia de frutos e de ninhos,
Ressoando de trilos e gorjeios,
Dá sustento e morada aos passarinhos.

14 — Motivos comuns da existência de cada dia, na sua palpitante e crua realidade, tiravam-lhe do verso efeitos da maior emocionalidade, como dizem os sonetos *A Esmola* e *No Hospício*:

A ESMOLA

— Suba! gritaram-lhe arrogantemente,
Do alto da suntuosa escadaria.
E a pobrezinha, a mão nevada e fria,
Subindo, estende e implora sorridente.

Esmola para minha mãe doente
E pela fome às portas da agonia.
Uma voz de trovão: — "Rua, vadia!
Vá ver se encontra ocupação decente!"

Desce, chorando. Lá embaixo a espera
A mendiga que nem subir pudera.
Beija-lhe o rosto, enxuga o pranto e sai;

— "Mamãe, que homem tão mau êsse que humilha
A pobreza infeliz!" — "Cala-te, filha!
Não fales dêle nunca. Êle é teu pai!"

NO HOSPÍCIO

Era uma doida alegre e descuidada.
Jamais viram-na triste ou desgostosa.
Pendia-lhe dos lábios côr-de-rosa
Freqüentemente a flor de uma risada.

Muitas vêzes, à luz já desmaiada
Do sol, no ocaso, tímida, medrosa
Sentava-se a cantar uma saudosa
Cantilena de amor, doce e magoada.

Quem sabe o que ela fôra antes de louca
Nunca lhe pude ler sôbre o passado
Nada logrei-lhe ouvir da própria bôca.

Sei que apenas, um dia, no gradeado
Dêsse hospício chorava com voz rouca
Ao passar um carro de noivado.

15 — Tem-se apontado na poesia do Padre Antônio Tomaz a *nota aguda de uma profunda tristeza* (22), que colocaria os seus versos entre os românticos mais dolentes, na mesma lira em que chorou Casimiro de Abreu. Isto diz-nos o Padre Leopoldo Fernandes, no ensaio tantas vêzes citado.

Efetivamente, Sales Campos, em crônica publicada no "Diário do Estado", de 24 de agôsto de 1918, afirma que, na lira do Padre Antônio Tomaz, ao contrário da dos poetas modernos, em que alternam as alegrias e as tristezas... *só vibra uma corda*: a das *nostalgias mórbidas*.

O poeta, de fato, é um triste, preocupando-o, mesmo com insistência, a idéia da morte, que às vêzes invoca e deseja.

Vejam-se os sonetos:

VIA DOLOROSA

Vou-me sentindo velho e fatigado
De mourejar por esta ingrata vida:
A mente se me torna enfraquecida
E o corpo tenho para o chão curvado.

E mesmo assim, neste penoso estado,
Que a discreto repouso já convida
Uma incessante e temerosa lida
Me consome o viver triste e cansado.

E o velho coração — quem tal dissera —
Persegue ainda a muito vã quimera
No louco intento de encontrar ventura.

E nestas lutas vou cumprindo a sorte,
Até que venha a compassiva morte
Levar-me à grande paz da sepultura.

DESENGANO

Sôbre caminhos de urzes alastrados,
Os romeiros da vida vão seguindo
Atrás de uma esperança que, sorrindo,
De longe acena aos homens descuidados.

E, neste doce engano confiados,
O passo estugam, pelo campo infindo,
E a risonha esperança vai fugindo...
Fugindo sempre... sempre, aos desgraçados.

E, um dia, ao crerem tê-la já segura,
Por um capricho irônico da sorte
Se escancara a seus pés a sepultura.

E extinta a luz que lhes serviu de norte,
Entram, coitados! cheios de amargura
Pelos umbrais tristíssimos da morte.

A MORTE

Tenho plena certeza de que existe
Uma outra vida além da sepultura,
Vida feliz, melhor e de mais dura
Que esta existência aborrecida e triste.

E sei, também, que a vida ali consiste
Na fruição da paz e da ventura
Que neste mundo embalde se procura,
Num doido afã de que ninguém desiste.

Por isso mesmo, em íntima alegria,
Eu te desejo, ó morte; à tua espera
Minha alma se consome noite e dia.

Com ânsia igual ainda eu te quisera,
Quando essa vida além da campa fria
Fôsse apenas um sonho, uma quimera.

Mas a sua tristeza não é a tristeza *mórbida, enfermiça, doentia,* como ao crítico se afigurou. É, sim, a tristeza do homem desiludido, desencantado do mundo e dos seus semelhantes, cujos sonhos morreram para sempre, o espírito devastado de amargas experiências, cansado de dissabores e decepções irremediáveis...

Que o digam, além do sonêto DESENCANTO, o seu último sonêto, escrito aos 73 anos, atrás transcrito, mais os seguintes:

PERFIL DE UM MISANTROPO

Vivendo entre os humildes e os pequenos,
Sempre evitei o rico e o poderoso;
Os meus sonhos de tímido e medroso
Foram sempre modestos e serenos.

Nunca tive ambição de bens terrenos,
Nem desejo de nome ou pôsto honroso.
Nunca, em moço, aspirei do fausto o gôzo,
E agora, na velhice, muito menos.

Olho, sentindo nalma horror profundo,
Para os homens e as coisas dêste mundo,
Como para uma eterna palhaçada.

E, sem cessar, a doce paz bendigo
Em que descanso, no seguro abrigo
Da minha pequenez e do meu nada.

SONHOS MORTOS

Tive sonhos azuis, na mocidade,
Que vinham, como pássaros em festa,
Encher-me o seio — um canto de floresta —
De gratos sons, de viva alacridade.

Mas um dia a cruel realidade
Pôs-lhes em cima a rude mão funesta
E exterminou-os . . Nenhum mais me resta
Na minha negra e triste soledade.

Hoje o meu seio inerte, mudo e frio,
Se converte em túmulo sombrio
Por sôbre o qual gementes e tristonhos,

Alvejantes fantasmas se debruçam:
São as meigas saudades que soluçam
Sôbre o jazigo eterno dos meus sonhos.

IN TENEBRIS

Eram-me as ilusões na mocidade
Constelações de magna refulgência
Que o céu da minha plácida existência
Vinham doirar de branda claridade.

Apagou-as o tempo sem piedade
Uma após outra, com brutal violência,
Deixando-as sem luz, sob a influência
Dos desenganos da senilidade.

Vejo agora, repleto de amargura,
Mudada em penas a fugaz ventura
Dêsses momentos calmos e risonhos.

E para sempre extinta, nas sombrias
E longas noites dos meus negros dias,
A via-láctea branca dos meus sonhos.

16 — Há, realmente, nos sonetos do Padre Antônio Tomaz, uma nota de tristeza. Mas essa nota *não é única*, como pareceu a Sales Campos. Não se encontrará, essa *"mórbida nostalgia"*, *verbi gratia*, e como já o notou o Padre Leopoldo Fernandes, em sonetos como *Campesina, Ouvindo o piano, Eva* (que está transcrito à pág. 253, do 2º tomo, 1ª parte), *Voltando à casa, No vestíbulo, Santos Dumont, Santa Teresinha, Carnaubeira, Árvores, Flôres*, etc.

Aí está, para demonstrá-lo, o sonêto

OUVINDO O PIANO

Eis-te ao piano... Os amestrados dedos
Fazes correr por sôbre as teclas brancas,
Urdindo as tramas de sutis enredos
Com que os pesares para longe espancas.

E os circunstantes, silenciosos, quedos,
De corações abertos e almas francas,
Pasmam de ouvir os mágicos segredos
Que à fôrça darte do instrumento arrancas.

De ouvido atento à execução pasmosa,
Do gênio criador a luz radiosa
Na tua fronte virginal diviso.

E aí me quêdo, reverente e mudo,
Em êxtase de gôzo, alheio a tudo,
Sonhando achar-me em pleno paraíso.

17 — Aliás, há, em muitos sonetos do Padre Antônio Tomaz, desmentindo de modo direto a afirmativa de Sales Campos, uma indisfarçável e sadia nota jovial, uma nota cheia de chiste, de *verve* e de bom humor, o que nos levou a dizer, em outro lugar desta *História* (pág. 91, do 2º tomo), que se nos seus sonetos, de um modo geral, predominava a nota lírica, em outros, em particular, se fazia sentir a nota engraçada ou jocosa, onde igualmente o poeta se revelou mestre.

A medida dessa sua qualidade, dão-no-la, inequìvocamente, além dos sonetos *Na Aldeia, Cromo* e *Instantâneos*, já transcritos no 2º volume, mais êstes outros:

CENA DOMÉSTICA

Na mesa, o parco almôço há muito esfria
À minha espera, que me ocupo agora
Em ler matinas. Ralha da demora
A Rita em fúria, e o gato a um canto mia.

De quando em vez, na porta, a velha espia;
E enquanto faz não sei o que lá fora,
Sobe à mesa o bichano, e eis que devora
O peixe todo que no prato havia.

Voltando à sala e vendo aquilo a preta
Enxota o bicho e... zás... lá foi-se um prato
Varrido pela manga da jaqueta.

Então, raivosa, diz, batendo o gato:
— "Isto parece arte do capêta!
Cruzes, canhoto! Figa, pé-de-pato!"

CROMO

Manhã. De filhos cercada,
A mãe sentada na esteira,
Vai secando a cafeteira
Aos gritos da meninada.

A avó, na rêde sentada,
Junto à janela fronteira,
Vai, alegre, prazenteira,
Preparando a cachimbada.

Na porta da camarinha
Trazendo ao colo o bebé,
Eis aparece a Rosinha.

Entra na sala o José
E diz: a bença, Dindinha,
Mamãe, cadê meu café?

INSUCESSO

Nas lutas de Cupido exercitado,
Já tendo feito mais de uma conquista,
O Juca andava agora sob a vista
Dos pais, de algum marido enciumado.

Todavia uma noite ei-lo sentado
Na soleira da porta do Batista,
Esperando ansioso uma entrevista
Que a loura Anica havia suplicado.

E já preliba a próxima ventura
Beijos, suspiros, frases de ternura
E alguma coisa mais talvez... sei lá!...

Abre-se a porta e surge em vez de Anica,
O pai que sem preâmbulos lhe aplica
Uma tremenda sova de jucá.

UM POETA LIQUIDADO

Uma vez, convidado pelo cura,
Para pregar em certa freguesia,
Fui fazer meu sermão na conjetura
De que fácil a emprêsa me seria.

Não pretendendo ali fazer figura,
Nem aplausos colhêr de quem ouvia,
Quisera, entanto, não descer da altura
Do conceito que alguém de mim fazia.

Sem da eloqüência ambicionar os louros
Supunha dos meus versos sem desdouros
A forma conservar, mas foi *bobage*

Pois, ouvindo o sermão, uma assistente
Decretou a sorrir piedosamente:
— O poeta, coitado, deu na laje...

V I R A A M A N G A

— Lolita, vira a manga, o Padre passa...
Padre traz sorte... Vira que o danado
Indica, sem errar, um bom noivado...
— Dizem três moças no jardim da praça.

— Lolita, toma tento! É só chalaça,
É coisa de batuque, de tarado,
É só superstição... — Respondo irado,
Mudando em dois sorrisos a ameaça.

— Se queres, vira as costas à vaidade,
Vira a língua, aos repastos de honras prêsa,
Vira o caráter, faze-o de bondade.

Que só isso traz sorte com certeza,
E, feito um mimo aos olhos da cidade,
Terás um casamento de princesa...

Evidentemente, não pode ter uma única nota — a nota da *nostalgia mórbida, da tristeza,* da tristeza invencível — a musa que tem explosões tais de jovialidade...

18 — Em referência ao Padre Antônio Tomaz sonetista — conta-nos o Padre Leopoldo Fernandes: "Em outro dia, encontrava-me na residência da família Pitanga, na Rua São Francisco Xavier, quando ali chegou o Sr. Alberto de Oliveira. Fui-lhe apresentado com a credencial de ser cearense. "Muito prazer em cumprimentar um conterrâneo do Padre Antônio Tomaz". — "Conhece-lhe alguns versos?" Perguntei-lhe. "Se conheço?" E recitou, com mestria encantadora, 12 sonetos do nosso querido poeta. E concluiu com o seguinte juízo: *"Um grande sonetista.* Nenhum lhe leva a palma na espontaneidade, na graça simples de suas evocações, na explosão sóbria do sentimento que lhe ilumina a alma".

Realmente, — conclui, por sua vez, o Pe. Leopoldo Fernandes — o poeta escreveu sonetos dignos de figurar entre os melhores dos melhores poetas do Brasil. (23)

19 — Como antes se acentuou, não se limitou ao sonêto o poeta alvo dêste estudo; fêz, da mesma sorte, poesia pròpriamente dita. E nesta foi, também, excelente.

Não mentiu, e absoluto, às suas já analisadas características e pendores: — as mesmas efusões místicas, o mesmo lirismo religioso, as mesmas afirmações cristãs, com as suas costumadas súplicas e louvores à Virgem Santíssima e ao seu Divino Filho, o Rabi da Galiléia...

Mostremo-lo, lendo, em seguida

À NOSSA SENHORA DA PAZ

Vem, ó Mãe de piedade e clemência
Vem, ó doce Rainha da Paz,
Proteger-nos com tua assistência,
Contra a guerra que o mundo nos faz.

Guarda em teu coração nossas almas,
Pelo amor sempre unidas contigo,
Conservando-as serenas e calmas,
Sem temor do mais leve perigo.

Doce Virgem da Paz, nos alcança
Praticar do teu Filho a lição:
Que aos rancores, ao ódio, à vingança
Oponhamos o amor e o perdão.

Dá que neste destêrro saibamos
Nossos passos guiar pelos teus,
E no curso da vida tenhamos
Paz com os homens, conosco e com Deus.

Põe às iras humanas entrave
E discórdias que a guerra produz;
Dobre os povos ao jugo suave
Do teu doce e amoroso Jesus.

Que por ti, pecadores e justos,
Sujeitando-se à lei de cristãos,
Sem receios, temores, nem sustos,
Vivam todos em paz como irmãos.

E nos leva, depois de acabada
Esta vida de pena e labor,
A gozar na celeste morada,
Para sempre, da paz do Senhor.

AVE MARIA

Ave! Maria, cândida e pura,
Mística rosa, lírio sem jaça,
Raro portento de formosura,
Ave! Maria, cheia de graça.

Da culpa isenta, tôda perfeita,
És da inocência perpétuo abrigo;
Nunca ao demônio fôste sujeita,
Um só instante: Deus é contigo.

Dos pobres filhos de Eva culpada,
Virgem celeste, quanto diferes!
Só entre tôdas imaculada,
Tu és bendita entre as mulheres.

Bendito é o fruto que foi gerado
Dentro em teu seio casto e fecundo,
Jesus — de Deus o Filho amado
Que do Céu veio remir o mundo.

Na densa treva caliginosa
Que nos envolve, sê nossa luz,
Sê nosso amparo, Virgem piedosa,
Santa Maria, Mãe de Jesus.

É tão renhida nossa peleja
E há nesta vida tantos horrores!
Pede a teu Filho que nos proteja,
Roga por todos os pecadores.

Os teus desvelos, ó Mãe querida,
E o teu carinho dulcificante
Jamais nos falte durante a vida,
A tôda hora e a cada instante.

E às agonias da nossa morte
Venha adoçar-nos o teu sorriso,
Sejas tu mesma quem nos transporte
À eterna glória do Paraíso.

DIES IRAE

(Versão livre, feita a pedido de D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral)

Naquele grande e temeroso dia
A terra, em vivas chamas abrasada,
Será um mar de cinzas sepultada,
Conforme antiga e dupla profecia.

Que sobressalto, que terror profundo
Há de sentir se quando, em luz imerso,
O Supremo Juiz, Rei do Universo,
Baixar dos céus para julgar o mundo!

De invisível trombeta ao som potente
Despertarão do prolongado sono
Da sepultura, os mortos, e, ante o trono
Do Juiz, irão ter forçosamente.

Quedar-se-á, no entanto, apavorada,
Cheia de assombro a natureza e a morte,
Vendo surgir a inúmera coorte
Dos redivivos para ser julgada.

Será o grande livro apresentado
Em que os atos humanos são escritos,
Contendo o acervo enorme dos delitos
Pelos quais há de o mundo ser julgado.

Tudo o que fôra até ali oculto,
À terra e aos céus tornar-se-á patente,
Sob o olhar do Juiz clarividente:
Nenhum pecado ficará inulto.

Ai! quem me assistirá nesses apuros?
Pobre de mim! — exclamarei em prantos —
De quem me valerei, se os próprios santos
Quase não podem se julgar seguros?

Grande Rei de tremenda majestade,
Que costumas salvar gratuitamente:
A salvação te peço humildemente,
Ó fonte inesgotável de piedade!

Lembra-te, ó doce Filho de Maria,
Que só por meu amor desceste à Terra;
Tôda a minha esperança em Ti se encerra;
Não me abandones no tremendo dia.

Tu, seguindo os meus passos, fatigado
Os mais cruéis martírios padeceste;
Enfim nos braços de uma cruz morreste:
Tanto esfôrço não seja malogrado!

Reto juiz das justas desafrontas,
Que as mais secretas faltas esquadrinhas,
Peço-te a graça do perdão das minhas,
Antes do dia das tremendas contas.

Gemo, de pranto os olhos arrasados,
E o semblante de pejo enrubescido,
Por te haver tantas vêzes ofendido:
Ai! Perdoa, Senhor, os meus pecados!

Tu, salvando a Maria, arrependida,
E a Dimas — o ladrão — como salvaste,
A mais firme esperança me deixaste
De alcançar igualmente a eterna vida.

Nada valem meus rogos, mas me entrego
À valorosa guarda benfazeja
Do teu Amor, que nesse dia eu seja
Livre das chamas do tartáreo pego!

Entre as ovelhas — a porção eleita
Dá-me, Senhor, que seja contemplado,
Da multidão caprina separado,
Tendo um lugar à tua mão direita.

E quando, em cumprimento aos teus preceitos,
Houverem sido os pobres condenados,
Do fogo eterno às chamas arrojados,
Leva-me ao Céu contigo, entre os eleitos.

Eu te suplico humilde e reverente,
O coração contrito e amargurado,
Do meu último fim toma cuidado,
Que eu não venha a perder-me, eternamente.

Dia de horror, de confusão, de pranto,
Aquêle em que, do pó ressuscitado,
O pecador tiver de ser julgado
No tribunal de Deus três vêzes santo.

Da tua ira e do furor do inferno,
Livra o coitado, ó! bom Jesus piedoso,
Perdoa o triste, faze-o entrar no gôzo
Da luz perpétua e do descanso eterno!

Tudo, como se vê, expresso em forma límpida, de delicada tessitura, com os invariáveis tons da sempre renovada e embaladora musicalidade (24) (o assunto mais pesado, como *Dies irae,* se torna leve e suave no seu verso), justificando-se, destarte, a expressão de *poeta mavioso* com que o adjetivou Américo de Moura, na sua *Antologia da Língua Nacional* — 1944.

Poeta de rara sensibilidade, metrificador hábil e mavioso — escreve, em referência ao Padre Antônio Tomaz, Cláudio Brandão. (25)

Vigoroso documento dessa sensibilidade e dessa maviosidade é a poesia *A Cruz Milagrosa* (26), que adiante se transcreve:

A CRUZ MILAGROSA

Sob as ramagens de um pau-d'arco anoso,
No seio da floresta,
Avulta a cruz modesta
Que a rude mão de um camponês piedoso
Ali plantou. A êsmo fabricada
De um par de grossas tábuas de aroeira:
Há quantos anos, para os céus alçada,
Resiste ao vento, à chuva, à soalheira!

Seu destino é guardar a sepultura
De uma pobre emigrante
Que do seu lar distante
Fôra ali terminar a vida escura,
Vitimada, talvez, de um acidente:
Afirma o povo que morreu de fome.
Seu corpo achou-o alguém casualmente
Mirrado já. Ninguém lhe soube o nome.

Sôbre o caso, por vêzes, tenho ouvido
Ao povo ignorante
Muita história tocante.
O sítio, em tôrno a cruz, verde e florido,
Tem tanta graça! Sinto um gôsto em vê-lo:
Sempre varrido e sempre bem cuidado
Aquela gente o tem em tanto zêlo
Como se fôra algum lugar sagrado.

Os moradores da vizinha aldeia
Dão-lhe fama e prestígio!
— Ali muito prodígio —
Não cessam de dizer à bôca cheia
A morta em seu favor dos céus alcança.
Gente feliz! Cruel e desumano
Quem, podendo captar-lhe a confiança,
Fôsse extinguir o seu formoso engano.

Vêm mulheres de longe, em romaria,
Por noites de luar,
Ao pé da cruz rezar,
Ajoelhadas sôbre a terra fria,
Noivas ingênuas, cândidas donzelas
Encomendando a santa os seus amôres,
O tôsco lenho cobrem de singelas
Oferendas de fitas e de flôres.

Rezam também à luz dos bentos círios
As mães desventuradas
Em pranto debulhadas,
Cheias de dor e fartas de martírios.
E, curvas sôbre o chão da sepultura,
Pedem, talvez, à morta alguma cura,
Talvez, a volta dum seu filho ausente.

No próximo silvado os passarinhos,
— Alegres trovadores —
Celebram seus amôres,
E não duvidam construir seus ninhos,
Esperançados de que o gênio amigo
Que sem cessar, naquele sítio adeja,
Os filhinhos implumes lhes proteja
E os ponha a salvo de qualquer perigo.

Escondido entre os ramos entrançados
O sabiá da mata,
À tarde, ali desata
Uns trêmulos gorjeios, repassados
De mágoa infinda, de tristeza enorme.
E a gente pensa, ouvindo essas endechas,
Em suspiros, em ais, em ternas queixas,
De quem chorasse a virgem que ali dorme.

Eu tenho um grande horror ao cemitério;
Apraz-me, no entretanto,
Êsse humilde recanto,
Circundado de sombras e mistério.
Fala à minha alma o místico remanso
Cheio de paz, onde essa cruz domina.
E chego, às vêzes, a invejar a sina
Da pobre moça que ali tem descanso.

E tanto que, se acreditar pudesse,
No que propala a gente,
Contrito e reverente,
Lá iria depor a minha prece,
E aos rios manes dessa criatura
De joelhos em terra pediria
Me alcançasse do céu ter algum dia
Ali também a minha sepultura.

20 — Como se fêz sentir no 2º volume, pág. 81, o Padre Antônio Tomaz era fundamentalmente um poeta lírico, de um lirismo ora religioso, ora profano, conforme o assunto, fôsse com sonêto, fôsse com poesia pròpriamente dita que manifestasse ou exprimisse o seu pensamento.

Vêde os motivos emocionais que lhe despertam um simples instrumento de trabalho rural — *a enxada* — cujas virtudes assim apologiza:

A MINHA ENXADA

(Canção do roceiro)

Eis a minha enxada, de aço temperado,
Elegante e forte, marca *Jacaré*.
O seu cabo é feito de pau-branco assado.
Numa enxada destas é que eu tenho fé.

A duras lides
Acostumada,
Vale um tesouro
A minha enxada.

Tanto no inverno
Como no estio,
Nunca lhe faltam
Valor e brio.

Vou com ela às costas para o meu roçado
Mal desponta o dia, e quando o sol é pôsto
Para a casa volto, o corpo fatigado,
Mas a alma isenta de qualquer desgôsto.

Sócia constante
Do meu trabalho,
Quando preciso
Dela me valho.

Cavo com ela
O duro chão,
E planto roça,
Milho e feijão.

Quando os milhos crescem e a maniva esgalha,
Sob o sol ardente, ou sob a chuva fria,
A enxadinha esperta sem cessar trabalha
Capinando mato, todo o santo dia.

Em sua marcha
Acelerada,
Como que dança
Alegre a enxada.

E se nas pedras
Vem a roçar,
Parece um sino
A repicar.

Quando chega o estio, — tempo da colheita —
Tôda fulgurante à luz do sol, a enxada,
Em valentes golpes, lesta e satisfeita,
Cava as mandiocas para a farinhada.

Com ela ainda
Levanto as leiras
Planto batatas
E macaxeiras.

Planto mamona,
Fumo, algodão,
Fontes de renda
Para a nação.

Tendo o necessário, nada mais desejo
Nesta vida simples de pobreza honrada,
A mulher e os filhos sempre fartos vejo
Graças ao bom Deus e à minha boa enxada.

Ganho com ela
O meu sustento,
E a muitas bôcas
Inda alimento.

Concorre a enxada,
Mais que o fuzil,
Para a riqueza
Do meu Brasil.

O milho também lhe mereceu esta apologia:

ODE AO MILHO

Licença, senhores,
Que eu quero falar:
Do milho o prestígio
Desejo mostrar.

Que boas comidas
O milho nos dá:
Canjica, pamonha,
Cuscus, mugunzá.

Verdinho, na espiga,
Cozido ou assado,
Sem custo fornece
Manjar delicado.

A êle devemos
O louro fubá,
As alvas pipocas,
O doce aluá.

Os pintos regala,
Mudado em xerém:
"Não cria galinhas
Quem milho não tem"...

Com êle se cevam
Perus e leitões,
Pitéus obrigados
Nas grandes funções.

E, ainda, senhores,
É muito o que resta
Dizer dos serviços
Que o milho nos presta...

21 — O mesmo humorismo fino e os mesmos tons faceciosos de diversos dos seus sonetos, como se viu, se revelam, indissimuláveis, na sua poesia.

Haja vista *Pedrinhas de sal,* (27) onde os assuntos mais chistosos e brincalhões são ventilados, desautorizando, mais uma vez, o poeta a observação de Sales Campos de que a *nostalgia mórbida* é a única nota que se vislumbra na sua poesia.

Pedrinhas de sal são "flagrantes da vida sertaneja, com os seus dizeres peculiares ao linguajar do povo" e a sua originalidade é "a seqüência das rimas na ordem das vogais: *a, e, i, o, u*.

Como muito bem se observou alhures, os versos, sem embargo dêsse curioso artifício, têm a mesma espontaneidade, característica do estilo poético do PRÍNCIPE DA POESIA CEARENSE.

Para que se conheça, ainda melhor, essa facêta da poesia do Pe. Antônio Tomaz, destaquemos, dentre essas *pedrinhas* as seguintes:

DIAGNÓSTICO

Anda amarelo o Navarro,
Ventre duro como ferro.
"Êste cabra, se não erro,
Diz o Sousa, come barro"...
"São maleitas do morro"
Diz o Gil dando um espirro.
"Efeitos d'água de enxurro"...
Diz o Braz, tirando o birro.
"Êle tem, diz o Chichorro,
Mas é lombriga pra burro"...

QUEM PAGA O PATO

Pediu-me hoje emprestado
Algum dinheiro o Macedo,
Contando-me, em longo enrêdo,
A fome que tem passado.
Mas numa tasca metido,

Embriagou-se de todo,
E diz, em tom façanhudo,
Ao povo ali reunido:
"Tirei hoje o pé do lôdo...
Bebam, gente, eu pago tudo!"

HORROR À ESCOLA

"Ah! se o Mestre Fortunato
Nos desse hoje um sueto!"
Diz o menino Aniceto
A seu colega Honorato.
Exclama alegre o Carlito:
"Era bom, dava no gôto"
Diz o pai dêle, o Canuto:
— "Marcha pra escola, cabrito!
Ora veja! êsse garôto
Só trabalha pra ser bruto!"...

REMÉDIO PARA TOSSE

Vive a tossir o Tiago,
Não dorme, não tem sossêgo,
E essa tosse do labrêgo
Já lhe vai causando estrago...
— Beba mentruz, meu amigo —
Trate disso, desde logo,
Se deseja, diz o Hugo —
Ver-se livre do perigo"...
— "Pra essa — diz o Diogo —
Só rosário de sabugo"...

REMÉDIO DE BÊBEDO

Belmiro, neto de Amaro,
Braveja, sanhudo e fero,
Na calçada do Severo,
Quando vem chegando o Claro,
Um vaqueiro do Retiro:
— "Já se viu que desafôro?!
Cabra assim eu não aturo"...
(Diz êle, e grita ao Belmiro
Tirando a peia do loro):
— "Espera, que eu já te curo"...

CADUQUICE DE VELHA

Na janela se destaca
O vulto de Pedro Beca,
Que veio dar uma seca
À neta de Dona Urraca:
Em ralhos se destaboca,
E o rapaz logo se embatuca...
Diz-lhe baixinho a Mundica:
— "Não dê cavaco, Pedroca,
Que a dindinha está caduca"...

DOUTOR ARROGANTE

Voltou do Rio, formado,
O Juvêncio do Tancredo
Que — diz-se muito em segrêdo —
É tolo e mal preparado...
Com o seu gênio desabrido
Desagrada o povo todo.
Seu pai, um velho sisudo,
Exclama, compadecido:
— "O meu doutor, pelo modo,
Veio mais bêsta do estudo..."

TAFULICE DE TERESA

Mora lá perto de casa
Essa menina — a Teresa,
A quem deu a natureza
Lindas faces côr de brasa...
Quando a tarde ela divisa
Vir chegando para a prosa
Seu namorado — o Cazuza —
Vai ao espelho, se alisa,
Empoa o rosto e uma rosa
Põe no peitilho da blusa.

TOLO SABIDO

Fareja o Lúcio do Inácio
O dinheiro do Lucrécio,
Um criado do Palácio
Que se fingia de néscio...
E, jogador por ofício,

Convida a êste pra sócio
De um jôgo em casa do Múcio;
Mas, num momento propício
Termina o jôgo o Beócio,
Levando os cobres do Lúcio...

22 — Do Padre Antônio Tomaz, como prosador, conheço apenas um trabalho sôbre a povoação de *Almofala*. (28).

Como a prosa — ao que se vê — o tentava raramente, cifro ao poeta êste meu estudo, que termino afirmando que, se poesia é sentimento, emoção, música interior, e não obra darte, cinzeladura, rebuscamento verbal, o Padre Antônio Tomaz é verdadeiro poeta, com direito a ocupar lugar de realce não só nas letras cearenses, mas, incontestàvelmente, nas letras brasileiras.

Felizmente, as antologias nacionais já o compreenderam, dando-lhe, aí, o pôsto que em verdade êle merece.

NOTAS

1 — *Frequentemente, — alguém escreveu — sonhava com a terra natal, sinal evidente do muito que lhe queria.*

Ao deixá-la, em 1924, assim enternecida e saudosamente a cantou:

A C A R A Ú

Revejo em sonho a terra estremecida
Do Acaraú... seus vastos tabuleiros,
A minha casa, os belos companheiros
Que lá deixei na hora da partida.

Vejo o Mercado, as Pontes, a Avenida,
O Rio, o Pôrto, os Mangues altaneiros,
Ouço o rugir dos ventos nos coqueiros,
E, além, do mar queixoso a voz sentida.

Do velho sino os graves tons escuto,
E lá do torreão no cocuruto,
De andorinhas avisto o inquieto bando...

Entro na igreja, — minha igreja outrora, —
E vejo em seu altar Nossa Senhora,
Com seu olhar piedoso me fitando...

Foi êste o seu último "sonho nostálgico" — se disse comovidamente.

Com o mesmo poder evocativo, pinta-nos essa encantadora e inesquecível

V I Ç O S A

Nos alcantis da Ibiapaba erguida,
Lá se ostenta risonha entre a verdura
Dos seus vergéis regados de água pura
Da fria pedra aos borbotões nascida.

Ali, sôbre um oiteiro construída
Na viva rocha, há séculos perdura
A sua igreja — berço de cultura
De uma raça valente hoje esquecida...

Quando a gente, volvendo na memória
Dêsse templo lendário a antiga história,
Os umbrais lhe transpõe a vez primeira,

Julga estar vendo, a percorrer-lhe a nave,
A passos lentos, silenciosa e grave,
A sombra augusta do imortal Vieira.

2 — *O Pe. Antônio Tomaz nasceu na indicada data e não a* 14 *de setembro de* 1866, *como, de certo por equívoco, escreveu Dinorá Tomaz Ramos, à pág.* 72 *do seu livro* — Padre Antônio Tomaz — Príncipe dos poetas cearenses.

Veja-se Barão de Studart — Dicionário Bio-bibliográfico Cearense, *vol. I, pág.* 139.

3 — *Já entregue ao juízo sereno e imperturbável da posteridade, assim glorificou Filgueiras Lima o excelso cantor, neste expressivo sonêto:*

A MORTE DO PRÍNCIPE

Uirapuru das plagas nordestinas,
Entre os pássaros todos o primeiro,
Cantaste no silêncio das campinas,
Mas fôste ouvido no Brasil inteiro.

Se, agora, em face à morte, a fronte inclinas,
Teu nome sobe aos céus como um luzeiro.
E enchem o azul as vibrações divinas
Que deixaste no canto derradeiro.

Teu verso simples agradava ao povo.
Que via, em ti, — o velho e sempre novo
Sacerdote da rima e da ilusão.

Príncipe — a turba te beijava o manto!
Pois foi a Lira que prezavas tanto,
A imagem do teu próprio coração!

4 — *Por isso mesmo, foi isto tudo o que deixou: um tinteiro, um genuflexório, escrivaninha, estante de livros, uma cobra de madeira (era marceneiro nas horas vagas) e pequenos objetos de uso pessoal, todos os quais foram recolhidos pela família do Dr. João Ramos, casado com a sobrinha do sacerdote.*

5 — *Veja-se a respeito de tudo o que aí fica — "Padre Antônio Tomaz — Príncipe dos poetas cearenses" — de Dinorá Tomaz Ramos, pág.* 20 *e seguintes.*

6 — *Por essa ocasião, escreveu Antônio Sales, que alcançou o segundo lugar no mencionado concurso: "Por uma maioria de 48 votos sôbre mim, e maioria maior sôbre Júlio Maciel, Cruz Filho e outros menos votados, está eleito* Príncipe dos Poetas Cearenses *o virtuoso sacerdote e primoroso vate Padre Antônio Tomaz.*

Reconhecendo a lisura e liberdade do pleito, é o meu dever e de todos os que amam as letras render ao Príncipe do Parnaso *o nosso preito de admiração e afeto.*

Apenas lamento que tantos votos tenham sido dispersados para sufragar o meu humilde nome, votado, como fui, malgré moi, *e sem haver nutrido jamais a aspiração de ocupar o pôsto para o qual foi mui merecidamente designado o meu prezado amigo e confrade Antônio Tomaz.*

Em todo o caso, o concurso me serviu para verificar que é bem maior do que eu imaginava o número das pessoas que estimam os meus versos. E entre essas, que são tôdas idôneas, se encontram nomes cuja auréola reflete sôbre o meu, honrando-o com o seu sufrágio, um pouco da sua grande refulgência.

. . . .

Minha vaidade, que é bem menor do que a imaginam alguns desafetos, tão veementes quanto gratuitos, fica plenamente satisfeita por saber que entre os duzentos intelectuais que foram convidados a eleger o nosso melhor poeta, há sessenta e seis que me consideram digno dessa distinção.

. . . .

Tout est bien qui finit bien, *e formemos alas para saudar o* Príncipe dos Poetas, *que oficia alternadamente nos templos de Deus e de Apolo, e em ambas as funções se impõe ao respeito e admiração dos seus conterrâneos". (Veja-se* Ceará Ilustrado, *de* 1º *de fevereiro de* 1925).

A propósito do mesmo assunto, escreveu o Pe. Antônio Tomaz a Demócrito Rocha, Diretor do "Ceará Ilustrado": *"Peço-lhe me conceda a honra da publicação destas linhas em sua apreciada revista, sob cujos auspícios foi realizado o concurso para a escolha do* príncipe dos poetas

cearenses vivos, *concurso cujo resultado final obriga o meu comparecimento agora aqui.*

Devo, antes de tudo, manifestar pùblicamente os meus sinceros agradecimentos não só aos intelectuais que me distinguiram com o seu voto no referido concurso, como também a todos os amigos que, pelo resultado do mesmo, se dignaram enviar-me felicitações, quer por telegramas e carta, quer de viva voz e pela imprensa, e ainda ao generoso ofertante do prêmio destinado ao vencedor, na execução do qual o autor terá que fazer os maiores esforços para não estourar de riso, contemplando a minha excêntrica figura. Cumprindo êste dever de gratidão e cortesia para com as pessoas acima citadas, seja-me ainda permitido, para disfarçar minha confusão e vergonha, dizer algumas palavras aos que mais de perto acompanharam o pleito, e particularmente aos dignos e ilustres poetas patrícios, aos quais eu, hoje mais do que nunca, invejo e admiro.

Estranhei deveras que, de preferência a nomes, aliás já consagrados, como os de Antônio Sales, Cruz Filho, Júlio Maciel e outros, aparecesse o meu, de todos o mais obscuro, sempre no primeiro lugar do comêço ao fim do certame. Notei mais que não houvesse influído no ânimo dos dirigentes do concurso e mesmo dos eleitores que até então não tinham ainda votado, as judiciosas observações oportunamente sugeridas durante o pleito, no louvável propósito de evitar-se possíveis desvios do reto fim que se devia ter em mira.

Parecerá, entretanto, a muita gente que a maioria dos votos que eu obtive me confira real direito ao principado poético de nossa terra.

Outros muitos terão deixado correr o pleito indiferentemente. Os cultores das Musas, porém, aos quais toca mais de perto o assunto e pelo qual muito naturalmente se deveriam interessar, quando não fôsse por outros motivos, ao menos por amor à classe, ou ao menos por mera curiosidade; êsses deveriam experimentar a mesma surprêsa que eu constatando o prestígio ligado a meu nome, sem contudo poder explicar-lhe a causa. Será isto um fenômeno de ordem espiritual, semelhante a êsses de ordem física atribuídos geralmente a causas simplesmente aparentes, enquanto não se lhe descobrem as verdadeiras. De sorte que, se o caso não fôsse de tão pouca monta e valesse a pena de ser esmerilhado, é bem possível que se conseguisse explicá-lo sem maiores dificuldades, sobretudo na época atual, testemunha de tantos prodígios e maravilhas, e em que se fala continuamente, por tôda a parte e à propósito de tudo, de preter-naturalismo e de fôrças ocultas, de hipnotismo, de sugestões coletivas e de muitas outras coisas assombrosas e incríveis. Não me admiraria por exemplo que alguém visse nêle a prestigiosa influência dos espíritos malignos; pois a escolha, para príncipe, de minha pessoa, e logo quase nas vésperas do carnaval, parece menos um acontecimento natural do que engenhosa combinação de um dêsses espíritos trocistas de que nos fala Allan Kardec.

Mas, falando agora sério e para terminar — Julgo-me sem o menor